

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

Portugal e a Grande Guerra – Apresentação

Portugal and the Great War – a presentation

Portugal et la Grande Guerre - une présentation

Portugal y la Gran Guerra - una presentación

Jorge Fernandes Alves
FLUP-CITCEM
jfalves@letras.up.pt

Gaspar Martins Pereira
FLUP-CITCEM
gpereira@letras.up.pt

Resumo: Com o presente texto, procuramos sublinhar a recente renovação da produção historiográfica sobre a Grande Guerra. Nesta perspetiva, fizemos um apelo a novos artigos sobre o tema da Grande Guerra para integrarem a presente edição da *História - Revista da FLUP*. A resposta à chamada de artigos foi gratificante, surgindo novas e diversas abordagens do tema, que apresentamos aqui de forma resumida.

Palavras-chave: Grande Guerra, Portugal, Colónias, Historiografia.

Abstract: With this text, we try to highlight the recent renewal of the historiographical approach around The Great War. In this perspective, we decided to call for new articles to be included in this issue of *História-Revista da FLUP* around the Great War. The response was rewarding, with new and diverse approaches to the theme, which we present here in a summarized way.

Keywords: Great War, Portugal, Colonies, Historiography.

Résumé: Avec le texte actuel, nous essayons de souligner le récent renouveau de la production historiographique sur la Grande Guerre. Dans cette perspective, nous avons demandé des nouveaux articles sur le sujet de la Grande Guerre à se joindre à cette édition de *História-Revista da FLUP*. La réponse à l'appel à articles a été enrichissante, avec des approches nouvelles et diverses du thème, que nous présentons ici dans ses grandes lignes.

Mots clés: Grande Guerre, Portugal, Colonies, Historiographie.

Resumen: Con el presente texto, buscamos subrayar la reciente aproximación historiográfica em torno a la Gran Guerra. En esta perspectiva, justificamos el llamamiento a nuevos artículos sobre el tema de la Gran Guerra para integrar la presente edición de la *História-Revista da FLUP*. La respuesta a la llamada de artículos fue gratificante, surgiendo nuevos y diversos enfoques del tema, que presentamos aquí en sus líneas generales

Palabras clave: Gran Guerra, Portugal, Colonias, Historiografía.

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

O centenário da Grande Guerra (1914-1918), ao prolongar-se por mais de quatro anos e ao envolver diferentes comunidades de todo o mundo, tem permitido novas abordagens e múltiplas edições, em diferentes escalas e vertentes disciplinares. Alguns autores falam mesmo de vertigem editorial. Não só pelos novos dados carreados, mas também pelas novas sínteses e revisões, pelos encontros e debates promovidos, surgiram muitos contributos para uma nova história da guerra. Mas a verdade é que a Grande Guerra, na sua configuração global, enquanto fenómeno total, que mobilizou populações de todo mundo, exauriu múltiplos recursos e se mostrou como uma irracionalidade para cujo desastre se caminhou alegremente no seu início, continua a suscitar a curiosidade de múltiplos investigadores, que ora querem aprofundar o campo das decisões que conduziram ao abismo político e militar, ora querem abordar o lastro que nos deixou, uma vez que as suas consequências chegaram a todo o lado, podendo dizer-se que ninguém ficou de fora, que o mundo não voltou a ser o mesmo.

A Grande Guerra foi, de facto, a primeira grande expressão bélica do potencial técnico-científico, surgindo a velocidade do transporte automóvel, o tanque, a guerra química, o bombardeamento aéreo, o ataque submarino, numa evidência de forças sobre-humanas que acabariam, paradoxalmente, atoladas nas lamas profundas dos combates das trincheiras. E, na qual, as colónias tiveram um papel importante para algumas das potências em conflito.

Na verdade, a previsível Guerra das Nações, subjacente ao choque dos impérios, viria a alcançar, graças aos “Sonâmbulos”, para utilizar o título da obra referencial de Christopher Clark, uma escala nunca antes vista (Clark, 2014). Conflito que se transformou, através do emaranhado de alianças e desconfianças, na Grande Guerra, para depois deixar antever a possibilidade de a tecnoestrutura que a sustentou se vir a repetir em mais lata dimensão, ou seja, configurando-se apenas como uma “Primeira Guerra Mundial” que, não resolvendo as questões essenciais ou deixando amplas brechas para descontentamentos e ressentimentos, anunciava desde logo uma Segunda Guerra Mundial.

O formato escolhido para a paz não pareceu adequado a alguns intervenientes nas negociações de Paris que conduziram ao Tratado de Versalhes, em 1919, nomeadamente a J.

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

M. Keynes, que fez questão de expressar publicamente a sua indignação num livro polémico – *As Consequências Económicas da Paz*, publicado, de imediato, em 1919. Para Keynes, a guerra alterara de tal forma o sistema de vida que colocava em perigo a vida de uma Europa, em grande parte “doente e moribunda”, com a população a exceder os meios de sobrevivência, a desarticulação dos meios de transporte, a produção de alimentos prejudicada, pelo que caberia à Conferência de Paz “restabelecer a vida e curar as feridas”, sendo que essas eram “tarefas ditas tanto pela prudência como pela magnanimidade que a sabedoria dos antigos tanto elogiava nos vencedores” (Keynes, 2002).

Mas, pelo caminho acabaram por ficar, em grande medida, os *Catorze Pontos* propostos pelo presidente norte-americano, Wilson, apresentados ao Congresso, em 8 de janeiro de 1918, dados como aceites pelos alemães, em 5 de outubro desse ano, como base para pedirem negociações de paz. As reparações de guerra definidas pelos vencedores alimentaram os ressentimentos, levantaram protestos, suscitando, a curto prazo, novos alinhamentos políticos, até serem suspensas em 1931, incluindo ainda as dívidas interaliadas, com a moratória Hoover. A desarticulação económica, a destruição de equipamentos e recursos, a depreciação da moeda, o desemprego, a fome em múltiplos países, não só nos derivados da implosão dos impérios beligerantes, mas em todo o território da Europa continental, eram problemas que se afiguravam catastróficos e levantavam um denso nevoeiro de novos e variados medos.

Rever as diversas configurações historiográficas sobre a Primeira Guerra Mundial, repensar a Grande Guerra à luz de novos olhares e novos lugares, prestar atenção a novos objetos e domínios de pesquisa, eis o desafio lançado por Antoine Prost e Jay Winter, para se poder avaliar de nova forma o conflito que pela sua dimensão, nas palavras destes autores, começou por ser considerado a última guerra, depois como o primeiro episódio de uma guerra de 30 anos, sendo hoje percecionado como o ato fundador de um século curto, mas bárbaro, dada a enormidade dos vários genocídios posteriores, surgindo assim aos olhos de alguns como uma experimentação dos totalitarismos e da morte massiva (Prost & Winter, 2004, 47).

Portugal, que sofreu a Guerra nas colónias, que se viu envolvido na frente da batalha através do Corpo Expedicionário, que se dividiu quanto à participação na guerra (entre

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

guerristas e anti-guerristas), que sentiu os seus efeitos no território metropolitano através das suas consequências diretas e indiretas, tem acompanhado essa revisitação, reavaliando a participação portuguesa e enunciando formas de vivência dos problemas daí decorrente e seus danos colaterais, em diferentes círculos sociais e territoriais. Edição de livros e revistas, colóquios académicos e encontros locais, teses universitárias, produção de conteúdos digitais, documentários televisivos, de várias formas se tem evocado os acontecimentos da Grande Guerra. A própria Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobretudo através do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais, tem promovido e participado em iniciativas afins.

Revisitar a Grande Guerra, focando, especialmente, a participação portuguesa, foi, naturalmente, o desafio lançado para o dossiê temático deste número de *História – Revista da FLUP* (número 9, 2º semestre de 2018), cujo lançamento ocorre nas proximidades do centenário do armistício e do início das negociações de Paz. Lançou-se, assim, o convite à comunidade académica para que os interessados submetessem artigos no âmbito da temática “Portugal e a Grande Guerra”, recebendo-se um conjunto significativo de respostas que apraz registar e agradecer, contributos que trazem revelações em diversas escalas, permitindo compor um dossiê diversificado e estimulante.

Podemos, assim, revisitar o ataque do U 38 ao porto e à cidade do Funchal, um incidente ocorrido em 3 de dezembro de 1916, que afundou duas embarcações francesas e uma inglesa, numa perspetiva de pormenor da guerra submarina alemã, através de um documentado texto de Mathias Saecker, que conjuga essencialmente o uso de fontes portuguesas e alemãs. Por sua vez, Augusto Salgado, recorrendo a fontes inéditas, com recurso a arquivos nacionais e ingleses, dá-nos a conhecer os planos de defesa dos portos do Douro e Leixões, que operavam com o apoio da Marinha inglesa e de meios franceses para enfrentarem a ameaça submarina alemã, saindo esses portos incólumes do conflito, não obstante o afundamento de múltiplas embarcações ao longo da costa Norte. Ainda no domínio da guerra marítima, Miguel Castro Brandão discute a requisição ou apreensão dos navios alemães ancorados em portos portugueses e a gestão da frota assim constituída no

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

quadro do acordo anglo-português para este efeito, operação que viria a ter o maior relevo, dado ter funcionado como o pretexto para a declaração de guerra da Alemanha a Portugal.

A questão das subsistências marcou profundamente o período da Grande Guerra, fazendo sentir-se em todo o País, sobretudo ao nível da escassez dos produtos básicos da alimentação, dados os problemas de abastecimentos colocados pelo conflito. A análise da conjuntura a um nível local, em torno dos problemas de abastecimento numa cidade industrial, Setúbal, é o contributo de Diogo Ferreira: escassez, alta de preços, especulação, açambarcamento, mercado negro e contrabando marcaram o quotidiano da população urbana, provocando protestos e múltiplos incidentes. Numa linha convergente com esta temática, surge o texto de Alexandre Lima Ferreira, mas centrado desta vez sobre o Porto, a partir da leitura das atas das vereações, perscrutando a ação municipal sobre a questão das subsistências, mas também relativamente a outras questões, como foi caso da crise energética, da agitação social, da saúde pública.

Se, pela Europa, os socialistas se dividiram entre ser a favor ou contra a guerra, podemos saber algo sobre a posição dos socialistas portuenses e a Grande Guerra? Uma resposta a esta questão é sustentada por Fausto Rafael Correia, para quem os socialistas portuenses cedo se manifestaram contra a guerra e, com isso, ajudaram a consolidar a posição do Partido Socialista Português, não obstante as divergências com outros núcleos do Partido, sobretudo em Lisboa, mais favoráveis à guerra.

O futebol, já então um desporto popular, sofreu também com o conflito armado, desde logo pela larga mobilização de jovens para o serviço militar, muitos dos quais seguiam para a frente de guerra, não obstante o futebol também se praticar entre os mobilizados, como forma de lazer e de assegurar a condição física, como nos diz Ricardo Costa Pereira, que, passando em revista o papel do futebol nesta conjuntura, sublinha o papel solidário deste desporto no apoio a causas que derivavam dos sofrimentos da guerra.

A ação sanitária, de forma a acompanhar a retaguarda dos combates, constituiu uma atividade inscrita no esforço de guerra. A história da instalação de um hospital português em França, em 1917, para apoiar a retirada de soldados do Corpo Expedicionário Português é o contributo de Helena da Silva, com o seu artigo sobre o Hospital Militar Português de

Jorge Fernandes Alves, Gaspar Martins Pereira - Portugal e a Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 2. 2018. 3-8. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a1

Hendaia, da responsabilidade da Cruzada das Mulheres Portuguesas, utilizando para o efeito um edifício de um casino, cedido pelas autoridades francesas.

Finalmente, a fé! Soldados de um país com uma forte tradição católica, como foi a vida religiosa dos militares portugueses nos três teatros de operações – sul de Angola, norte de Moçambique e Flandres? Sistematizando informações e impressões deixadas por diversos combatentes que escreveram memórias de guerra, Luís Miguel Silva aborda essa temática da fé em tempos difíceis de viver como eram os vividos na envolvimento da Grande Guerra.

Com o presente volume da revista, o dossiê “Portugal e a Grande Guerra” procura contribuir para aprofundar e diversificar tópicos de abordagem da Primeira Guerra Mundial, conferindo espaço tanto a investigadores consagrados como a jovens investigadores, de quem se espera a contínua renovação historiográfica.

Bibliografia:

Estudos:

CLARK, Christopher (2014), *Os sonâmbulos*, Lisboa, Relógio d' Água.

KEYNES, John M. (2002), *As consequências económicas da paz*, São Paulo, Imprensa da Universidade de Brasília – IPRI.

PROST, Antoine; WINTER, Jay (2004), *Penser la Grande Guerre. Un essai d'historiographie*, Paris, Éditions du Seuil.